

Nº 01
VOLUME 03
Agosto
2003



Scriptorin Candinha Bezerra
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO

PLANTAS DO SERTÃO

Helder Alexandre Medeiros de Macedo
*Nossa viagem começa
pelos primórdios da
colonização do Sertão
do Seridó.*

A expansão pecuarística a partir dos últimos decênios do século XVII e por todo o século XVIII levou os conquistadores a penetrar o Seridó a partir dos leitos dos rios, rasgando as suas margens em direção aos ariscos, às

várzeas e aos taboleiros. Os requerimentos solicitando datas e sesmarias no sertão inexplorado e a concessão

por parte dos Capitães-mores do Rio Grande e Paraíba trazem referências às árvores típicas da vegetação sertaneja. Sítio Juazeiro, Várzea do Mulungu,

Riacho Gravatá, Riacho de Carnaúbas, Olho d'Água do Cuité, Riacho das Caraibeiras, Poço do Cedro, Olho d'Água da Imburana e Serra da Timbaúba são apenas alguns exemplos. Dos nomes das plantas surgiam as denominações dos lugares primeiros onde o homem branco batera o seu rastro no chão.

Duas sesmarias dos fins do século XVII, doadas no Rio Acauã, referendam a Serra do Trapuá ou Trapiá, cuja denominação advém da planta de mesmo nome, pertencente à família das caparidáceas, hoje já não tão abundante nas proximidades dos núcleos urbanos do Seridó. A Serra do Trapiá corresponde à Serra do Chapéu, localizada cerca de 10 quilômetros a sul da cidade de Currais Novos-RN.

Nomes de plantas repetem-se nas cartas de sesmarias no Rio Grande e Paraíba, denunciando, inclusive, plantas que, se não estão em processo de extinção, são muito pouco conhecidas contemporaneamente.

Assim aconteceu em 1733, quando José Fernandes de Sousa e Maria da Cruz, moradores na Capitania da Paraíba, requereram três léguas de comprido e

uma de largo no Riacho Gravatá, sendo meia légua para cada

margem do leito. O curso d'água, localizado entre o Sertão do Cariri, a Serra da Timbaúba, o Riacho do Padre, Seridó e Mucutu, era assim chamado por nele haver "(...) alguns pés do dito Cravatá-assú (...)." Cravatá, caravatá ou gravatá, dependendo de como aparece nos textos sesmários, o termo designa o nome dado a diversas plantas da família das bromeliáceas, comum em todo o Nordeste, segundo Luís da Câmara Cascudo. Riacho do Gravatá era a denominação dada ao Rio Picuí entre o Cotovelo e o Picuí propriamente dito, em município de mesmo nome, localizado 10 quilômetros ao poente de Cuité-PB.

Até mesmo examinando os nomes das municipalidades seridoenses percebemos o quanto a referência à vegetação é presente nos nomes de árvores associadas ou não a vocábulos genealógicos (Juazeirinho, Junco do Seridó, Carnaúba dos Dantas, Quixaba e Timbaúba dos Batistas), nas alusões a flores, florestas ou jardins (Nova Floresta, Nova Palmeira,

Jardim de Piranhas, Jardim do Seridó e Florânia) e ainda quando se referem à grandeza econômica de determinado

vegetal (Ouro Branco, cujo nome menciona a importância econômica do algodão para o Seridó, comparando-o com o ouro).

Noticiando a respeito da riqueza vegetal do município de Currais Novos em 1937, o escritor Nestor Lima dá conta de que o mesmo possuía madeiras de construção e de marcenaria como cumaru, jurema, angico, pau d'arco, baraúna, aroeira e imburana, além de frutos silvestres e grandes pastagens de panasco. Sobre Acari, o historiador citou, em 1929, a presença de três grupos de plantas: as espécies vegetais de espinho e as mais rasteiras (juazeiro, favela, jurema, oiticica, xique-xique, facheiro, coroa-de-frade e cardeiro), as madeiras de construção (angico, peroba, oiticica, pereiro, cedro, aroeira e

Galante

carnaúba) e as plantas medicinais.

Os exemplos de Acari e Currais Novos ilustram a riqueza e a diversidade vegetal do Sertão do Seridó, embora falar de árvores como a peroba, o cedro, a baraúna e o cumaru seja o mesmo que falar de raridades em um Museu de História Natural, dada a sua quantidade nas matas seridoenses. Todavia, não podemos negar que os seridoenses aproveitaram e aproveitam a flora regional de diversas formas. Uma delas é a sua utilização para confecção de móveis de casa. Os antigos oficiais de carapina, encarregados de fabricar os madeiramentos para as casas, as esquadrias, mobiliário doméstico, porteiros para os currais e peças de madeira das casas de farinha se utilizavam das madeiras de árvores da caatinga para executar seus trabalhos. Segundo o historiador Olavo de Medeiros Filho, o angico era empregado para fabricar mesas e bancos; a aroeira para mesas; o

mulungu para malas; o pau d'arco para mesas, bancos, malas e estrados e o cedro para caixas, bancos, caixões, mesas, prateleiras, estradas e artibancos. Este último era utilizado, também, pelos chamados "santeiros", para o fabrico de imagens religiosas.

Processos de inventários p...-morten de fazendas seridoenses, pesquisados por Olavo de Medeiros Filho, também atestam essa presença. É o caso do inventário do Capitão Domingos Alves dos Santos, da Fazenda das Lajes (Ouro Branco-RN), processado em 1793. No "Título de Móveis e Alfaias" constam, além de outros bens, duas mesas grandes, lisas e novas de aroeira, valendo 6\$000 (pouco menos que o preço de uma vaca na época) e dois bancos de pau d'arco, por 640.

A mesma aroeira que era empregada para o fabrico de mesas era também utilizada no tratamento das amígdalas, feito o gargarejo da casca, e também utilizada para limpar a pele. Essa é outra das formas pelas quais a vegetação era e é utilizada pelo seridoense. Das mesmas plantas que se retirava a madeira para construção ou confecção de móveis, tirava-se, também, muitas vezes, o remédio para uma moléstia ou a própria vida, no caso de doenças graves. Enquanto a casca do angico era utilizada para

tosse, a bronquite e a coqueluche poderiam ser curadas com o chá da casca da baraúna. A raspa da catingueira na água era tomada em casos de disenteria e da raiz da jurema se fazia chá para cicatrizar ferimentos, inclusive os mais graves. Herança da cultura nativa, a medicina natural ainda hoje é utilizada pelos seridoenses em seus acessos de dor ou quando acometidos de alguma doença.

Uma das árvores sertanejas mais procuradas para os fins de medicina caseira é a quixabeira, cuja casca é indicada como santo remédio contra qualquer tipo de inflamação. Conhecemos dois casos no Sertão do Seridó em que a quixabeira, para além de sua função curativa, desempenhou importante papel junto à memória local. O primeiro caso é de uma quixabeira existente na primeira metade do século XX no Povoado de São Vicente, hoje cidade de mesmo nome. Quem nos dá notícia dela é Nestor Lima, segundo o qual sob uma frondosa e secular quixabeira, a partir dos sábados de 1890, se fazia uma feira semanal no pequeno lugarejo, caracterizando-lhe o status de povoado. Em 1938, essa quixabeira ainda resistia às agruras do tempo.

No centro da cidade de Carnaúba dos Dantas ainda existe, nos dias de hoje, ao lado do prédio da Câmara Municipal, uma quixabeira. Espremida entre uma farmácia e uma residência, porém, protegida por uma grade de ferro, foi tombada e incluída no Patrimônio Histórico do Município

através da Lei nº 203, de 25 de março de 1980, sancionada pelo Prefeito Valdemar Cândido de Medeiros. A principal razão para o tombamento da quixabeira foi a constatação, à época, de ter mais de cem anos. De fato, conta a tradição oral que desde que Antonio Dantas de Maria residiu no Sítio Carnaúba de Cima (que deu origem à cidade de Carnaúba dos Dantas), a partir de meados dos anos 60 do século XIX, a citada árvore já era conhecida. Próximo a ela, "Papai Velho", como era conhecido Antonio Dantas, cavou um barreiro, existente ainda nas duas primeiras décadas do século XX. Palco de mal-assombros e de histórias do além, a quixabeira centenária que ainda flora e frutifica teima em sobreviver em meio ao caos urbano da cidade, mostrando ser um documento vivo do passado da localidade. Há quem diga que a flor do mofumbo (e também a do pereiro) seja uma das flores mais perfumadas do sertão. Intrincados mofumbais denominaram um sítio localizado na zona rural de Carnaúba dos Dantas, o *Mufumbá* e também estão presentes no mito de origem da cidade de Caicó, que envolve as figuras lendárias do touro, do vaqueiro e de Sant'Ana. Segundo relatos orais colhidos no Sítio Saboeiro (localizado entre os municípios de Caicó e Jucurutu) o mofumbo era utilizado, nos meses de maio, com finalidades religiosas. As moças virgens do sítio costumavam sair ao *mato* para pegar as hastes do mofumbo, das quais os



Jurema



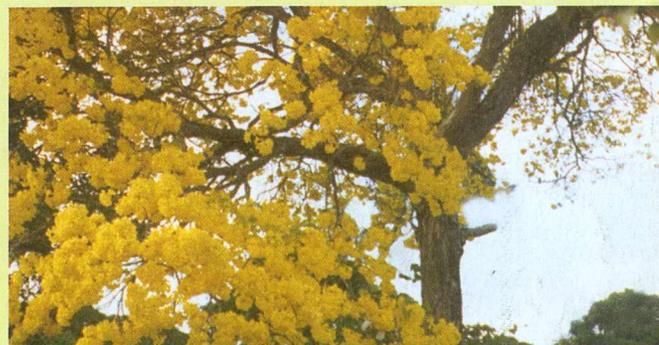
Xique-xique



Mulungu com ninho de casaca de couro



Carnaúba



Inflorescência de pau d'arco



Gucóia



Cuité



Galho de juazeiro novo com ninho de casaca de couro e casa de abelhas silvestres



Flor de catingueira



Broto de facheiro



Folha de favela



Coroa de frade



Macambira

homens trançavam um arco para adornar o altar dedicado à Virgem Maria. As mesmas virgens saíam ao *mato* todos os dias para recolherem flores para decorar o altar. Esta prática cultural está eivada de um simbolismo religioso, vez que sendo o mês de maio dedicado a Nossa Senhora, somente as virgens, que seguiam o modelo de castidade da Mãe de Jesus, poderiam coletar as hastes nos mofumbais e as flores. Os homens, por outro lado, é que manuseavam os galhos até dar-lhes a forma de um arco. Todos os dias, à noite, rezava-se dentro de casa o Terço em homenagem à Virgem Maria. As virgens debulhavam seus rosários talvez à espera de um bom marido.

A culminância desse ritual, se é que assim podemos chamá-lo, se dava no dia 31 de maio, com a celebração da Coroação de Nossa Senhora. Logo após os homens quebravam o arco da Virgem dentro de uma fogueira, feita no

terreiro. As virgens, para completar, arroteavam a fogueira com uma rede branca e iam jogando as flores secas coletadas durante todo o mês. Acreditavam que, pela proximidade com o dia de Santo Antonio (13 de junho), tido como o santo casamenteiro, poderiam, com essa oferenda, arranjar no futuro um bom partido. Este relato foi narrado pela Sra. Maria do Socorro Fernandes, do Sítio Saboeiro. A pesquisadora Evaneide Maria de Melo, graduanda em Geografia pelo Centro de Ensino Superior do Seridó da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, coletou relato semelhante com o Sr. Pedro Porfírio de Melo, do Sítio Manhoso, no

município de Caicó-RN. Na Fazenda Antonio de Azevêdo, localizada na Carnaúba de Baixo (zona rural de Carnaúba dos Dantas-RN), o *Mês Mariano*, como era conhecido o mês de maio, também era celebrado em honra a Nossa Senhora. Na Casa da Fazenda havia duas salas de visita, sendo que uma delas guardava um oratório, diante do qual rezavam-se terços e novenas, como as dedicadas a Nossa Senhora. Também as moças virgens da fazenda, junto às dos sítios vizinhos, neste caso, tinham o hábito de pegarem flores diariamente para decorar o Oratório com a imagem da Virgem Maria. No *derradeiro de maio*,

como então se chamava o dia 31, era costume celebrar-se a Coroação de Nossa Senhora, para a qual as donzelas saíam ao *mato* para pegarem flores de laranjeira e de pereiro para fazerem a coroa da Virgem. Terminamos a viagem pela rota das plantas sertanejas e pouco delas sabemos, a não ser algumas pequenas minúcias fornecidas pelos documentos de época, a tradição oral ou mesmo pela observação *in loco*. Contudo, incursionar pelos caminhos cheios de cipós e urtigas, ladeados pelas flores de mulungus e perfumados com a fragrância da flor de pereiro nos fez perceber os diversos relacionamentos que o homem vem mantendo com a flora

regional nesses últimos quatrocentos anos, apropriando-se também da cultura e do gosto nativo pelas plantas. Fez-nos constatar, ao ensejo, que muito ainda precisa ser pesquisado e escrito, a exemplo das histórias que cercam o cultivo do algodão no Seridó, ou ainda das histórias envolvendo os cereais, legumes e verduras que nas plagas seridoenses se plantam desde a época em que o tempo era contado pelas luas que apareciam nos céus. No final de um texto tão decorado com plantas das mais diferentes famílias, um apelo é dirigido aos seridoenses para que possam, daqui por diante, pensar em alguma estratégia para salvar as espécies nativas que ainda restam nas proximidades das serras, antes mesmo que seja caro a qualquer um de nós ter que recorrer a um livro para conhecer árvores como a baraúna, o mulunguzeiro ou mesmo a quixabeira.

P R O J E T O



www.proj-nacaopotiguar.com.br

UNIVERSIDADE POTIGUAR

www.unp.br

Nossa cultura, nosso saber.

BIBLIOTECA SESC LER